

Queria escrever o mundo, mas resolvi escrever Maria¹

Thalita Gabriele Moura VIEIRA²

Daniel Dantas LEMOS³

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO

A crônica “Queria escrever o mundo, mas resolvi escrever Maria” foi produzida para a Revista Reticências, trabalho de conclusão da disciplina de Impresso I da Universidade Federal do Ceará (UFC). Além de ser um convite aos afetos, o texto traz um retrato do sertão dos Inhamuns, no Ceará. Maria é a personagem principal, e seu papel vai sofrendo mutação à medida que avançamos na narrativa e nos encontramos com as intenções do autor. O texto apresenta-se como crônica lírica e possui caráter documental e reflexivo.

PALAVRAS-CHAVE: Maria; sertão; memória; jornalismo literário; crônica lírica.

1. INTRODUÇÃO

“A nostalgia, que chamo levemente de saudade, talvez venha das lembranças apropriadas dos álbuns e monóculos antigos trazidos do Juazeiro, que ela guardava preciosamente na gaveta da sala.” (Queria escrever o mundo, mas resolvi escrever Maria, 2013).

A crônica está para o cotidiano assim como o cotidiano está para a atualidade. Essa relação com o tempo possui intimidade tão profunda que o próprio termo “Crônica” origina-se de “*Khrónos*”, palavra grega que designa tempo cronológico. Não apenas um tempo regido por relógios, sequencial, mas caberia no gênero outros tempos, como o momento do prazer, do sagrado, do eterno. A crônica guarda em si a vida social, os costumes, a moda, o cenário político, a sua própria contemporaneidade. Margarida de Souza Neves a considera como um

“Documento” na medida em que se constitui como um discurso polifacético que expressa, de forma certamente contraditória, um “tempo social” vivido pelos contemporâneos como um momento de transformações. “Documento”, portanto, porque se apresenta como um

¹ Trabalho submetido ao XVI Prêmio Expocom 2014, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção Jornalismo Literário e/ou de Opinião.

² Aluno líder e estudante do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC). Email: thalitagm@gmail.com.

³ Orientador do trabalho e professor do Curso de Jornalismo da UFC. Email: danieldantas79@uol.com.br.

dos elementos que tecem a novidade desse tempo vivido. (NEVES, 1992, p. 76).

Concordemos que o consumo geral da crônica, entre um café e outro, é imediato. Geralmente ela aparece no jornal em um espaço de entretenimento e é de fácil degustação. Porém, o espaço reservado a ela não é apenas este. A crônica também pode incorporar o papel de emocionar e envolver o leitor, mostrando-lhe, sob um ponto de vista singular, uma situação que poderia passar-lhe despercebida. Segundo Borrelli:

O cronista moderno é o narrador da história escrita, o narrador na modernidade. Com a modernização das sociedades, diminui o espaço e a presença dos velhos contadores de histórias que no passado trocavam experiências vividas com seus ouvintes. (BORELLI, 1996, p. 63).

Para a autora, o cronista também é um historiador, pois interpreta e recria, com sua imaginação, algum fato ou acontecimento. Assim como o contador de histórias, ele não é um mero reprodutor de narrativas, quando escreve também está “lembrando” de algo e gravando os seus relatos.

O ato de escrever crônicas é, concomitantemente, um ato de lembrar. Faz-se de novo do cronista historiador e do historiador cronista. São lembranças pessoais e familiares, resultantes da articulação entre memória coletiva e memória individual”. (BORELLI, 1996, p.69).

A partir do momento que o autor imprime seu olhar e a sua própria história no que escreve, ele faz da crônica um texto opinativo. Na interpretação do mundo pelo cronista é que se estabelece a comunicação com seu leitor, por meio de uma identificação e de um contrato entre ambos. Segundo Dominique Maingueneau (2006), essa noção de contrato é utilizada para destacar que os participantes de uma enunciação devem aceitar tacitamente alguns princípios que tornam possível a comunicação entre enunciador e enunciatário. Para que haja literatura, é necessário que o leitor “compre a ideia” do cronista, que por vezes, pode apresentar um mundo ficcional; é daí que, segundo Laerte Magalhães (2003), surge a expectativa da leitura.

O leitor pressuposto da crônica é urbano e, em princípio, um leitor de jornal ou de revista. Publicada em veículos de comunicação de massa ou em livros, ela aparece ora de forma mais “falada”, mais literária, ora de um modo mais factual, mais jornalístico. Muitos dos grandes cronistas são jornalistas, assim como grandes escritores trabalharam em jornais; Machado de Assis, José de Alencar e o lendário Euclides da Cunha com Os sertões,

são exemplos que a relação de jornalismo e literatura vem de muitos carnavais. Concomitante a isto, a crônica é muitas vezes vista como um gênero menor, talvez por não ser considerada de um alto nível literário ou por não se ocupar de satisfazer todos os preceitos do jornalismo. Muitos a definem como um gênero híbrido, resultado de práticas poéticas, subjetividades e linguagem figurada, ao mesmo tempo em que é embutida de práticas referenciais, observação atenta do cotidiano e compromisso com um público. A respeito disso, Jorge de Sá descreve o cronista como um narrador-repórter:

Sendo a crônica uma soma de jornalismo e literatura (daí a imagem do narrador-repórter), dirige-se a uma classe que tem preferência pelo jornal em que ela é publicada (só depois é que irá ou não integrar uma coletânea, geralmente organizada pelo próprio cronista), o que significa uma espécie de censura ou, pelo menos, de limitação: a ideologia do veículo corresponde ao interesse dos seus consumidores, direcionados pelos proprietários do periódico e/o pelos editores-chefes da redação. (SÁ, 1985, p. 7).

Dentre as várias especulações, um consenso que podemos ter sobre a crônica é que ela um gênero tipicamente brasileiro. José Marque de Melo (1985) afirma que as características apresentadas pelo gênero no Brasil não se encontram em nenhum outro lugar, somente a crônica de Portugal apresenta uma semelhança maior, nela os acontecimentos cotidianos são pano de fundo para o autor produzir um texto com facetas literárias.

A crônica que apresento neste artigo é um traço de tudo exposto. Ela estabelece uma relação de intimidade com o leitor, que é provocado a entrar no universo da personagem, Maria. É como se o convidasse para um chá no fim da tarde, em uma casa antiga, retratos à mesa: ali mora a crônica, no cenário, nas memórias. O texto é um revival que se apropria abertamente da linguagem literária para apresentar um Brasil rural, num espaço delimitado como sertão, propondo-se também a levantar questionamentos sobre nossos valores e sentimentos.

2. OBJETIVO

Escrever não é um trabalho fácil, ou pelo menos não deveria ser, já dizia Charles Bukowski em poema: “*A menos que isso saia de você sem permissão do seu coração, da*

sua mente, e da sua boca e seu âmago, não escreva.”. Ser cronista é ser contador de histórias, artesão, tecelão da realidade.

Pensei nisso quando me propus a escrever para a Revista Reticências uma crônica com temática feminina. Eu poderia ter escrito algo sobre Olga Benário, sobre Joana d’Arc ou sobre a professora de dança; sobre as lutas feministas atuais, poderia ter incorporado um eulírico masculino ou até ter escrito sobre mim mesma. Porém, há muito tempo eu precisava escrever algo que guardasse alguém que necessitava ser guardada por mim, minha avó. Por isso, resolvi escrever Maria. Muitos dizem que a gente escreve pelo medo da morte, escrevi num processo meio niilista, sem porquês racionais, mas no final das contas, foi justamente por isso: pelo medo da perda.

Para o leitor mais desatento, vê-se apenas um relato pessoal, um texto íntimo. Não desprezando essa característica, ou personalidade, trouxe também informações do lugar pouco conhecido sobre o qual também escrevo, os Inhamuns. Escrevi um sertão à minha maneira, que mais do que um cenário, constitui-se por vezes como um personagem autônomo. Não obstante a isso, quero de certa forma desconstruir a imagem do sertanejo meramente como homem dedicado ao trabalho braçal, castigado pelo sol, bruto, animalesco, como o Fabiano de Graciliano Ramos. Apesar da referência à *Vidas Secas*, trago a mulher sertaneja poética. Quero-a sensível. Quero também um sertão florido. Quero mostrar seu Quincas Firmino, tocador de rabeca, músico autodidata, mestre da cultura popular.

A comunicação em todas as suas formas de abordar conteúdo é norteadora da sociedade, e a crônica por si só, ganhou com o passar do tempo à liberdade para tratar assuntos delicados. O objetivo de atrair olhares e instigar o pensamento crítico reforça a importância deste gênero jornalístico. (TOMAZI, 2012).

Existem aquelas memórias sem vida, são elas que nos fazem lembrar onde moramos, qual nosso telefone e o porquê de escovarmos os dentes ao acordarmos. Mas existem as memórias com vida própria, e que às vezes nem suspeitávamos de sua existência. São elas que nos fazem lembrar de cheiros e sabores da infância, por exemplo. À vista disso, as saudades que trago no texto, que nem são minhas e provavelmente nem são as mesmas de quem me lê, podem ser incorporadas por todos, pois todos temos memórias vivas, e daí que nasce o texto.

Alguém disse que a palavra “queijo” só tem sentido para alguém que já comeu queijo. Não é possível comunicar o gosto e o cheiro do queijo a

quem nunca comeu um. A literatura é possível porque todos já comemos queijo. Todas as nossas infâncias são variações sobre os mesmos temas. As memórias de um outro fazem ressoar, naquele que as lê, o seu próprio passado adormecido. Assim, não se trata de um encontro com as memórias de um outro, diferentes das minhas. Trata-se de um reencontro com seu próprio passado. Se isso não acontecesse, o texto seria um texto morto. (Rubem Alves, *O velho que acordou menino*, 2005).

3. JUSTIFICATIVA

“O sertão é dentro da gente. E esse sertão não é feito apenas de aridez e provocação, mas também de veredas, de estações de alívio e beleza em meio à solidão.”. (Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, 1994).

Alguns autores acreditam que o regionalismo foi superado desde o “super-regionalismo” de Guimarães Rosa. Antônio Candido (1981) em seu livro *Formação da literatura brasileira* fala que o regionalismo é uma forma literária tributária ao desenvolvimento e, por isso, sustenta-se na incorporação de regiões subdesenvolvidas em que a globalização não se realizou de modo homogêneo.

Tânia Pellegrini (*Despropósitos*, p. 117) afirma em sua obra dois traços fundamentais à caracterização da dimensão regionalista de parte da prosa literária contemporânea: por um lado, o compromisso da narrativa regionalista com a realidade e a determinação do subdesenvolvimento na representação de “territórios extremos”- como já citado- por outro, a perspectiva simbólica, cultural e imaginária de sua configuração. Acredito em um sertão, aliás, em uma literatura regionalista, que vá além das questões de desenvolvimento. Acredito na literatura que resgate símbolos e a cultura popular e que possa ser desenvolvida de forma tranquila fora do eixo Rio-São Paulo-Minas. Acredito que o sertão de Rosa ainda floresça.

Partindo desses parâmetros, penso que trabalhar, ou retrabalhar, o sertão seja uma experiência possível e até política. No texto, o temos como um espaço rico de imaginários, cultura e histórias, elementos muitas vezes desprezados pela própria população que corre em direção a avanços tecnológicos para se equiparar cada vez mais aos cidadãos metropolitanos cosmopolitas. E ainda temos sim, um sertão subdesenvolvido, castigado e

renegado, retratado na crônica desde a “seca braba” de 1958 até o momento atual, em que o Ceará apresenta estiagem e momento de seca crítica desde 2011.

Trabalhar com o gênero crônica permitiu-me o grande feito de fazer um texto político e sensível. Confio que a união desses dois universos que aparentemente estão em lados análogos é o que justifica o texto. Além disso, no final de tudo, temos a reflexão do papel que cabe aos avós na nossa vida e o que as especulações da mídia estão fazendo os nossos afetos.

Por isso, pensa-se o cronista não como alguém que produz crônica enquanto “pura” atividade estética, mas que faz deste gênero uma forma de comunicação política com o leitor. A histórica torna-se possível, portanto, desde que se considere o cronista enquanto político, ou seja, como um sujeito que lida, politicamente, com a sensibilidade do leitor.
(SCHNEIDER, *Crônica jornalística: um espelho para a história do cotidiano?*, pág. 5)

4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A crônica foi escrita de um ponto de vista pessoal, em primeira pessoa, e por entrar em universos de imaginação e memória pode confundir-se por vezes com um conto, porém, a ficção não é o caráter principal do texto. Ela passa por diversas nuances, desde um momento mais naturalista e hedônico, em que é descrito os prazeres do passado, até a perda dos laços e a chegada da solidão. Ela não faz aprofundamentos psicológicos e apresenta-se em um curto espaço pré-delimitado pelas normas editoriais da revista, que, aliás, deixou-me complementemente livre para escrever sobre o que quiser e como quiser, solta para usar uma linguagem mais poética, justamente por tratar-se de uma revista que apresenta caráter literário.

Os elementos resgatados foram frutos de pesquisas, de informações resgatadas em livros e de experiências vividas. Em trechos como “*Saudade dos pés de oiticica, de comer as frutinhas de juá e também os bolos de puba e os chouriços em dia de festa*” emerge o cenário naturalmente pensado para dar vida a narrativa; um universo crível e imaginado, pois não é uma saudade minha, é a saudade de outrem que absorvo.

A principal arma da crônica seria utilizar emoções e fatos inventados ou recuperados pela memória do cronista. Dessa forma, o texto

chama a atenção do leitor, “convidando-o para um tipo diferente de mergulho no real, mais ameno, mais prazeroso, quiçá mais profundo” (SATO, 2002, p. 33).

Livremente, bebi de fontes como Jáder de Carvalho, Leonardo Mota e Rachel de Queiroz. Dentro do “conhecimento do mundo”, a intertextualidade é uma marca bastante presente; existem referências na ode que se faz a personagem (Moura encantada, Iracema sertaneja). Outra vez ela é usada para convidar o leitor para o universo que se apresenta à sua frente: há a indicação de duas músicas que podem acompanhá-lo em sua leitura, conduzindo-o para a identidade do texto (esse recurso já foi utilizado por outros autores, como Caio Fernando Abreu). Uma das canções é *Galos, noites e quintais*, de Belchior, a outra é *Assum Branco*, de José Miguel Wisnik. A música de Belchior parece uma irmã mais velha da crônica; assim como na primeira parte do texto, a música revive um momento de beleza em um cantinho interiorano do Ceará, “*Quando eu não tinha o olhar lacrimoso, que hoje eu trago e tenho; quando adoçava meu pranto e meu sono, no bagaço de cana do engenho*”, ela é uma homenagem ao humorista Chico Anísio e o pintor Almir Martins, famoso por pintar galos. A canção *Assum Branco* estabelece uma relação com a chuva que se foi e a solidão que chega. O belíssimo arranjo e as notas do piano embalam perfeitamente a crônica, “*Quando ouvi o teu cantar, me lembrei nem sei do que. Me senti tão-só, tão feliz, tão-só. Só e junto de você*”, a letra a música aproxima os sentimentos de saudade e nostalgia do leitor. As duas músicas, dentro de seus universos, ajudam a compor a mesma mensagem dentro do texto, o sentimento de ausência.

Não podemos deixar a analogia com a série *Hoje é dia de Maria* (2005) passar batida. Absolutamente não foi uma relação proposital, sendo reconhecida apenas posteriormente. Porém, os elementos são deveras muito parecidos, ainda mais porque as duas personagens chamam-se Maria. Se pudéssemos construir um cenário para a crônica, seriam as luzes, cores e galhos secos que aparecem na minissérie.

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O título da edição número 1 da Revista Reticencias é: “Ninguém nasce mulher”. Escolhemos essa temática após assistir ao filme *Vidas Cruzadas* (2011) e constatar a relevância da mulher e da construção do feminino dentro da sociedade. Além da reportagem

sobre transexuais e sobre a vida das garotas de programa do centro da cidade, fiquei incumbida de escrever uma crônica. Escrever um texto de cunho literário sempre acarreta em recolhimento e reflexões. Desde a época da escola, a crônica é um dos gêneros que mais intrigam os alunos, e não são muitos os que sonham com o ofício de cronista. Dentro dessa realidade, a crônica lírica é a que mais sofre e está cada vez mais em desuso, provavelmente por andar distraída em um mundo que anda cada vez mais apressado. As “epifanias” e os “espantos” só acontecem em momentos de deslizes. No entanto, isso de forma alguma se opõe a uma literatura engajada e social.

Eu não apostei em uma crônica efêmera, queria um texto que pudesse ser guardado e tivesse uma identidade. Queria algo leve, como o sabor de comer caju debaixo do cajueiro, mas queria também a cicatriz das nodas com o tempo.

Assim como o ofício de pedreiro, o escritor levanta o seu texto; alicerça-o, dá-lhe bases. Depois o ergue, deixa-o firme, e o enfeita. Pinta com as cores que desejar e por fim, o habita. Foi assim com crônica que apresento aqui, inicialmente ela era um tabuleiro de notas e foi ganhando forma até ser habitada por mim.

6. CONSIDERAÇÕES

Notamos no texto “*Queria escrever o mundo, mas resolvi escrever Maria*” suas claras características de jornalismo literário. Ele possui caráter documental e o papel de levantar reflexões, assim como a possibilidade de mergulhos em universos tangíveis à imaginação por meio de uma linguagem poética.

Vemos uma multiplicidade de colunas, artigos opinativos, perfis e crônicas- que se enquadram dentro do jornalismo literário- sendo usadas apenas para tratar de economia internacional, figuras políticas, educação de qualidade e por aí vai. Muitas vezes, desses textos parecem sair dedos indicadores que apontam para a nossa cara e acabam por não propor exatamente nenhum tipo reflexão. Outro deles, oferecem conselhos de autoajuda ou receitas de amor. Sem desmerecimentos, podemos olhar mais fundo.

Penso que a crônica que aqui apresento precisa sair das paginas dos arquivos universitários. Lembro-me de um texto publicado no Observatório da Imprensa com o título “*Onde estão os cronistas?*” (2009), nele se indagava se a ainda existia uma crônica lírica no Brasil. Defendo que sim, assim como defendo que a prosa contemporânea não deve

abandonar o regionalismo. Não se trata de um trabalho defasado, pelo contrário. Trata-se de um trabalho revolucionário, por romper padrões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORELLI, Silvia Helena Simões. **Ação, suspense, emoção. Literatura e cultura de massa no Brasil.** São Paulo: EDUC, 1996.

LEONEL, C.L.; SEGATTO, J.A. **Persistência do regionalismo na prosa contemporânea.** São Paulo: Unesp, [2005?].

Disponível em: <http://migre.me/iDVdB>

MELO, José Marques de. **A Opinião No Jornalismo Brasileiro.** Petrópolis – RJ: Vozes, 1985.

NEVES, Margarida de Souza. **A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil.** Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

SANTINI, Juliana. **A Formação da Literatura brasileira e o regionalismo.** Rev. O eixo e a roda, v. 20, n. 1, p. 69-85, 2011.

Disponível em: <http://migre.me/iDVii>

SCHNEIDER, C.I. **Crônica jornalística: um espelho para a história do cotidiano?** Revista Advérbio, São Paulo, 2011.

Disponível em: <http://migre.me/iDVkI>

TEIXEIRA, N.C.R.B.; LAZZAROTTO, T.C. **Entre a realidade do jornal e a criação literária: a crônica de Moacir Scliar.** Revista Elementa. Comunicação e Cultura. Sorocaba, v.1, n.1, jan./jun. 2009.

Disponível em: <http://migre.me/iDVtC>

TOMAZI, A.I.; DEON, G. **Em tempos de malabares.** Intercom, XIX Prêmio Expocom, 2012.

Disponível em: <http://migre.me/iDVuU>